

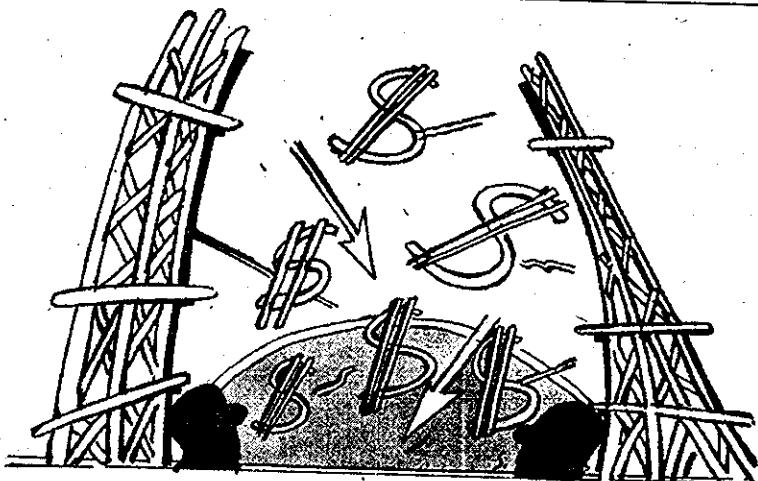
# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal da Tarde

Class.: 04

Data 27 de Outubro de 1986

Pg.: \_\_\_\_\_



## Energia elétrica do Xingu para São Paulo, na próxima década.

**A Eletronorte pretende iniciar dentro de quatro anos a construção de duas hidrelétricas no Centro do Pará para atender a região Sudeste.**

### Outra Itaipu

Segundo as previsões da Eletronorte, em 1991 a Amazônia já poderá transferir 700 mil KW para o Sudeste. Em 1985 essa disponibilidade chegará a 4,5 milhões e, a partir do ano 2000, será de 12 milhões de KW. Seria como se uma nova Itaipu entrasse em linha apenas para atender São Paulo e áreas próximas, sem contar a energia que também será fornecida ao Nordeste. A transmissão será feita através do sistema interligado Norte-Nordeste, que já está em operação, ou através de uma nova linha, de dois mil quilômetros de extensão, que deverá ser construída para ligar o isolado Xingu a Itumbiara, na divisa de Goiás com Minas, e daí a São Paulo.

A grande distância entre os pontos de geração e consumo, com a complexidade que uma linha dessas requer, sendo operada com a maior de todas as voltagens, não será entrave para a utilização da energia. Calcula a Eletronorte que, mesmo com o custo de transmissão, cada MWH do Xingu chegará a São Paulo a 23 ou 27 dólares, enquanto exigirá 32 dólares para ser gerado nos aproveitamentos que ainda são considerados viáveis de realização na região Sudeste.

Embora ainda não tenha nenhuma garantia sobre os recursos necessários para a obra, a Eletronorte está convencida de que o complexo do Xingu será a grande alternativa para o abastecimento energético das regiões carentes. Até concluir o estudo de viabilidade, no final deste ano, a empresa já terá gasto US\$ 80 milhões nos levantamentos preliminares. Nos próximos quatro anos irá detalhar o projeto executivo e, ao mesmo tempo, submeter seu projeto a um debate nacional, como os que foram promovidos em São Paulo,

Brasília e Belém, o último há 15 dias.

Com esses debates, a Eletronorte pretende não apenas evitar os problemas surgidos em Tucuruí, onde a falta de informações provocou muita controvérsia sobre os efeitos ecológicos do represamento do rio Tocantins e o afogamento da floresta situada na área do reservatório, como defender seu direito de realizar a nova empreitada. Fontes da empresa admitem que a Cesp começou a fazer articulações de gabinete para assumir a responsabilidade pelo complexo de Altamira.

Já Furnas, assumindo parte da jurisdição da Eletronorte, havia tomado a hidrelétrica de Serra da Mesa, em Goiás (antes conhecida como São Félix), onde passará a produzir 1,9 milhão de KW. Agora, a Cesp estaria disposta a buscar energia "onde ela houver", o que seria uma advertência sobre o Xingu. Mas para que a Cesp, uma empresa estadual, possa ficar com uma obra em outro Estado seria preciso modificar a legislação que em 1973 circunscreveu a atuação das concessionárias estaduais ao território do seu próprio Estado, o que assessores da Eletronorte consideram pouco provável. "O governo federal não concordaria", dizem.

### Cachoeiras

O vale do Rio Xingu é o que tem a maior reserva na Amazônia, onde está metade do potencial hidrelétrico do País, calculado em 200 milhões de KW. A Eletronorte, depois de inventariar a bacia, que tem 508 mil quilômetros quadrados, desde o Mato Grosso até o Pará, selecionou 47 locais com possibilidades de barramento, mas nenhum se compara. Os sítios na grande volta onde serão construídas a hidrelétricas de Cararáo (leia-se Cararaou) e Babaquara. Ali o Xingu faz uma volta

justamente por causa da grande quantidade de pedras, que ocorrem encachoeirado. Nos 70 quilômetros que separarão as duas usinas o desnível é de 58 metros e a vazão, nas ocasiões de pique, chega a 30 mil metros cúbicos por segundo (ou 30 milhões de litros de água passando num determinado ponto).

A proximidade entre as duas usinas, a facilidade de acesso pela Transamazônica, a existência de um bom ponto de apoio em Altamira, cidade com quase 40 mil habitantes e o maior potencial energético, fizeram a Eletronorte sair de Tucuruí, no Tocantins, para o Xingu, que fica 300 quilômetros mais adiante, na direção Oeste, ao invés de continuar a fazer novos aproveitamentos na Baía do Tocantins-Araguaia. Cararáo e Babaquara concentram 75% de todo o potencial do Xingu, o que reduz os custos.

A primeira usina a ser construída, a partir de 1990, será Cararáo, que em 1998 poderá começar a gerar parte dos seus 11 milhões de KW. Quando totalmente implantada, terá um custo de US\$ 4,6 bilhões, o que faz o KW instalado custar de US\$ 417 — ser um dos mais baratos, menos da metade (US\$ 916) do de Babaquara, usina que só entrará em operação em 2001. Quando chegar aos 5,6 milhões de KW, terá custado US\$ 6 bilhões porque exigirá maior complexidade de engenharia. Mas, ao barrar novamente o Xingu, Babaquara aumentará o rendimento de Cararáo, fazendo com que cada KW de energia chegue à região Sudeste e ao Nordeste mais barato do que as duas regiões poderiam produzir em novos aproveitamentos hidrelétricos. Nesse momento, a Amazônia se vê transformada na central de energia do Brasil.

Lúcio Flávio Pinto, AE-Belém

A partir de 1991, São Paulo começará a obter para seu consumo parcelas cada vez maiores de energia a quase três mil quilômetros de distância. Para atender o déficit crescente no Estado e na região Sudeste, a Eletronorte espera iniciar, dentro de quatro anos, a construção do "Complexo Altamira", um conjunto de duas hidrelétricas localizadas numa grande volta que o Rio Xingu dá, 107 quilômetros antes de desaguar no Rio Amazonas, na região central do Estado do Pará. Ali, ao custo de US\$ 10,6 bilhões, a Eletronorte espera instalar 17,6 milhões de KW de potência nominal de energia, o equivalente a 24 usinas nucleares do tipo de Angra dos Reis, duas vezes e meia a potência da Hidrelétrica de Tucuruí (a primeira de grande porte na Amazônia), 20% a mais do que Itaipu. Seria como se naquele trecho encachoeirado do extenso e belo Xingu surgisse um poço de petróleo capaz de produzir 500 mil barris por dia, a produção atual do Brasil.

Os números são grandiosos e impressionantes, mas o presidente da Eletronorte, Miguel Rodrigues Nunes, garante que a produção das duas usinas do Xingu poderia ser totalmente absorvida pelo consumo nacional em menos de três anos. Com base nas projeções da Eletronorte, ele mostra que nos próximos 25 anos o Brasil vai precisar construir 70 novas usinas hidrelétricas, acrescentando mais 97 milhões de KW ao mercado. Só até o ano 2000 haverá a necessidade de mais 23 milhões de KW, dos quais 14,4 milhões deverão ser instalados na região Norte. Justamente nesse período a Amazônia passará a ser a principal exportadora de energia do País, porque apenas uma pequena parcela de sua geração será consumida por ela própria.